

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA

GÜNTER GRASS

Sobre a Finitude

O último livro de Günter Grass: uma obra dinâmica
onde a prosa, a poesia e a ilustração
criam uma fascinante reflexão sobre a velhice e a finitude



Günter Grass

SOBRE A FINITUDE

Tradução
João Bouza da Costa



Para SARAH WINTER



SER LIVRE COMO UMA AVE

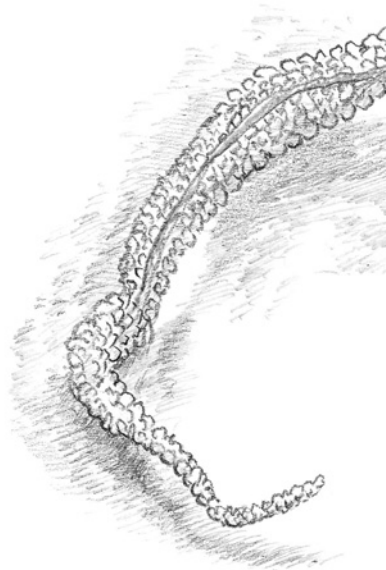
Quando o coração, os pulmões e rins
do fumador de cachimbo o obrigaram a ir à oficina
uma e outra vez e cada vez mais, onde ficou,
como mísero eu, ligado aos tubos
e obrigado a engolir um crescente montículo
de comprimidos coloridos, redondos e alongados
que sussurravam as legendas dos seus efeitos secundários;
quando a velhice insistente e obstinada lhe colocou
as questões «Quanto tempo ainda?» e «Valerá mesmo a pena?» e
não lhe saíam da mão nem imagens traçadas nem palavras
alinhas; quando o mundo com as suas guerras e danos
colaterais se lhe escapou e ele já só o sono buscava,
fragmentado e aos pedaços – distante já de si e lamuriento,
pôs-se a lamber as feridas –; quando também a derradeira fonte
tinha já secado, humedeceu-me, como se ainda
houvesse aquela respiração direta de boca a boca, o beijo
de uma musa em atividade subsidiária; e logo surgiram
imagens acoçadas pelas palavras, ficaram à mão o papel
e o lápis e o pincel e a outonal natureza mostrou
a sua caduca oferta, fazendo fluir da aguarela a aguada,
e logo me pus a rabiscar com gozo e, temendo a recaída,
recomecei, ávido, a viver.

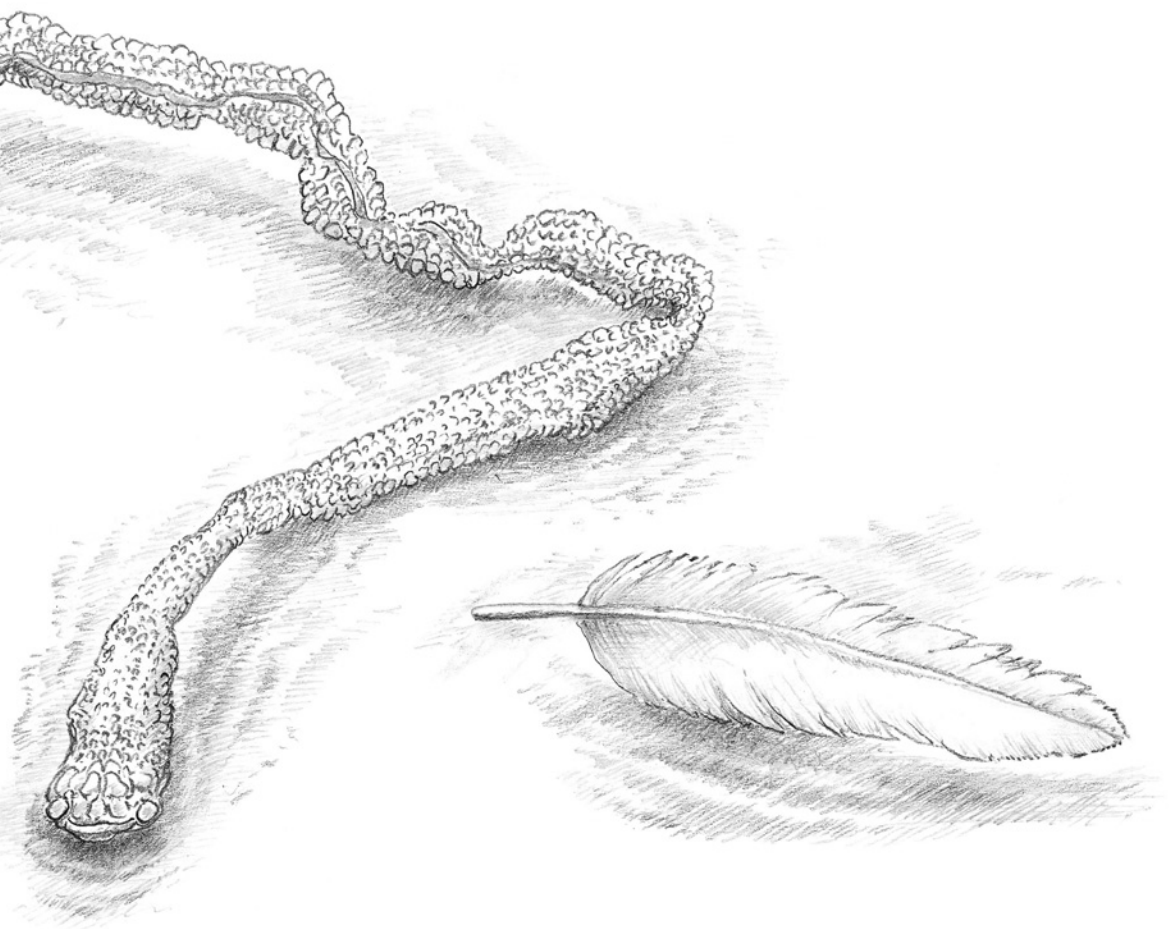
Sentir-me. Leve como uma pena, livre como uma ave,
se bem que há muito pronto a ser abatido. Sem vergonha
soltar a trela ao bicho. Tornar-me neste e naquele.
Ressuscitar os mortos. Mascaram-me com os trapos
do meu companheiro Baldanders. Perder-me com toda a
determinação. Procurar refúgio por detrás dos riscos
do próprio sombreado. Dizer agora!

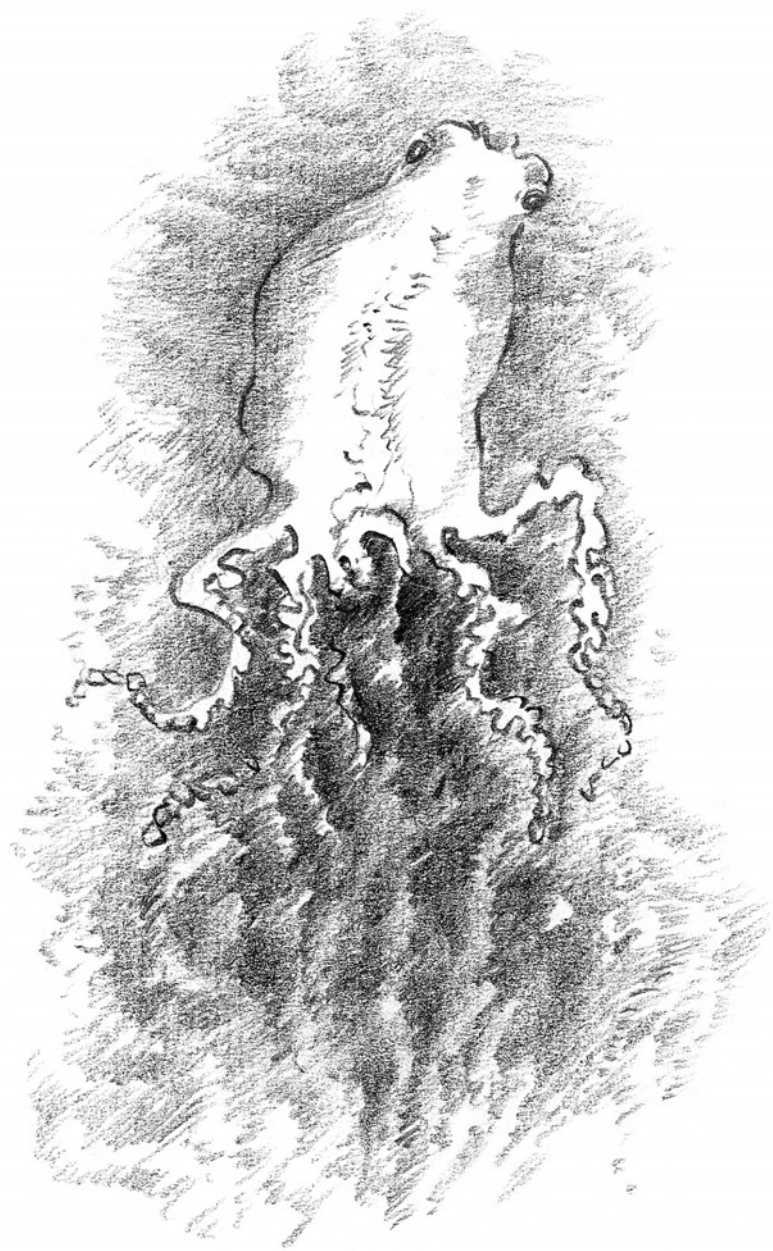
Senti-me como se pudesse mudar de pele, encontrar o fio,
soltar o nó, como se o achado felicidade tivesse ainda um nome
repetível.

EM RENOVADA FOLHA

Com giz vermelho, lápis, grafite,
com traço de tinta e pena de ave,
apuros afiados, farto pincel
e carvão das florestas da Sibéria,
com sobrepostas aguadas de aguarela,
para logo voltar ao branco e ao negro –
inseridos numa escala de sombreados –
destacando o brilho prateado da sombra;
e desde que do sono já da morte tão próximo
o beijo da musa me espantou
e nu me atirou e em pelo para a claridade,
quero, em sempre renovada folha,
pelo amarelo obcecado, como que pela luz
de um campo de colza anestesiado,
tenciono inflamar o vermelho
e pelo outono tingido, esperando ainda
que novamente renasça o verde,
procurar a saída, suspenso e leve
como penas que do azul caem.







SEPIA NATURE

Recorrente o sonho, no decorrer do qual consigo mungir uns chocos de medianas dimensões. Debaixo de água é muito fácil, comparável ao amor com uma ninfa que o cardume ousou abandonar.

Temos de nos aproximar por detrás, como quem não quer a coisa, provar que somos pacientes e, no momento certo, aplicar a ventosa, cobrindo o musculoso orifício da glândula, e assim, pressionando com as pequenas ventosas, provocar o mungir da aspiração: e logo ele liberta, em parte obrigado, em parte voluntariamente, o que como escura nuvem costuma largar para confundir o inimigo demasiado próximo.

Ao princípio era frequente isso acontecer, assim que me precipitava a atacar pela retaguarda a líquida essência. Esgotava-se o tempo sem resultados, logo o ar escasseava. Emergir, e insistir. Como o satisfazer das ninfas, também o mungir dos chocos requer a sua aprendizagem.

Desde então armazeno, como metáfora emprestada, o negro leite em frascos com tampa de rosca. Um espesso extrato, prestável como tinta da China para desenhar a pincel e com áspera pena. Diluída, revela estrias a mucosa substância.

Perdura nas folhas o odor, inicialmente fresco, depois cada vez mais severo; especialmente em dias de elevada humidade atmosférica recorda a tinta do choco a sua origem.

COM INFINITO TRAÇO

que sobe da margem inferior esquerda
e inventa degraus, hesita, ousa regressar,
desce distraído, até que a si retorna, vacila
mas não quebra, para num arco se lançar,
fechar num círculo, marcar passo, só para
tomar balanço e quase se perder
para além da margem, do erro,
mas que por pouco, após novo impulso,
retoma subtil o seu rumo,
medindo a acidentada paisagem
de um rosto – feminino –, cobrindo-o
com o que nele cresce, poupando-lhe
as nuas ilhas e que se cruza, e evita
e à distância de um grito
para dentro do pavilhão do ouvido
se arrasta e nele acoita;
um traço ao qual não foi imposto
um fim, cujo respirar apenas
para si remete, infatigável,
enquanto a tinta fluir.

IMPOTÊNCIA

Impotência, uma palavra obsoleta: nos tempos em que se davam a cheirar às senhoras empoadas essências estimulantes em frasquinhos, para que voltassem a si, era socialmente aceitável. Útil como desculpa comezinha assim que faltavam as ações necessárias contra este ou aquele poder.

Agora, porém, empola-se até atingir dimensões universais. Enquanto as falências são cobertas por pacotes de resgate ou esperam hibernar em bancos maus e todo o mundo se esforça por acreditar que voltamos – senão agora, pelo menos em breve – a crescer e até a progredir, e enquanto notáveis oportunamente se protelam de congresso para congresso, como se o tempo sobrasse, estamos nós constantemente dispostos, de livre vontade, a deixar-nos ligar em rede, brevemente de forma total.

Contactáveis a qualquer hora do dia e da noite. Em parte alguma ignorados. Registados com um clique de rato. Regressivamente processados por cruzamento de dados até ao pó de talco. Nada se perde. Corriqueiras idas a lojas dos trezentos, ao cinema, à casa de banho, eternizam-se. Até o lento trajeto do nosso amor é armazenado num *chip* do tamanho de uma unha. Já não há esconderijos. Sempre no campo de visão. Protegidos até no sono. Nunca mais sós.

O que fazer? Impotente, abstenho-me, renuncio à oferta. Não é que aqui esteja um telemóvel entre os óculos, o tabaco e o cachimbo; também ninguém me aponta com o dedo como se surfa, se utiliza o Google ou o Twitter.

Nenhum Facebook contabiliza os meus amigos e inimigos.

Secretamente, divirto-me com a pena de ganso. Em voz baixa, quando muito, monólogos que abordam bostas de vaca, o comportamento do ludião e o conceito do progresso

das formigas; e, no entanto, também a mim me mantém preso um poder a que hoje chamam isto, amanhã aquilo, mas que no fundo não tem nome.

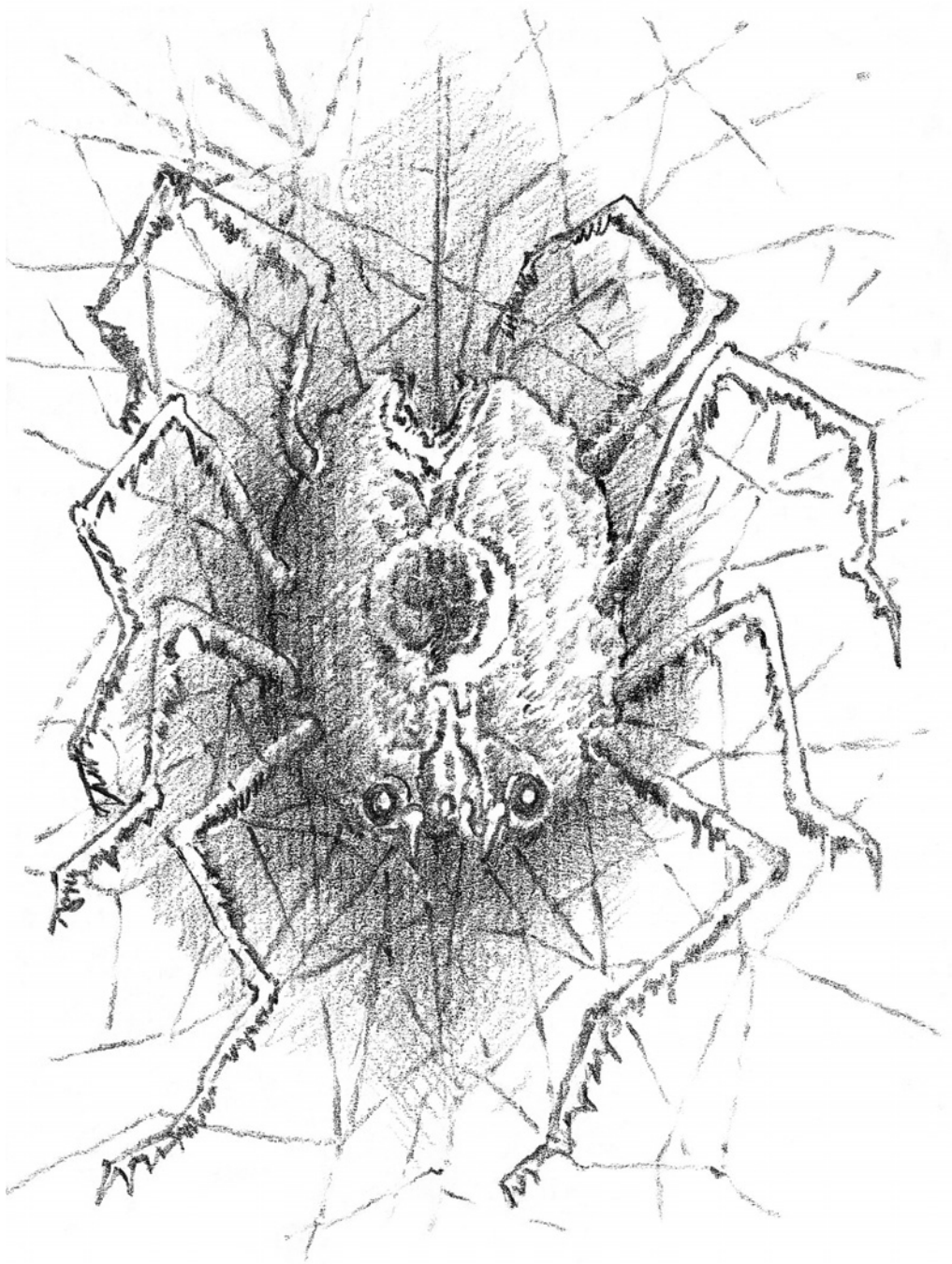
Nenhum ruído o revela. Alimenta-se da estupidez sobrequalificada. Antigamente perceptível como onnipresença mistificada, surge agora muito prosaicamente, querendo ser reconhecido como atestado da sociedade civil.

Não! O que ele faz é tornar transparente e aliviar a memória. Desresponsabiliza. Liquida a dúvida. Simula a liberdade. Incapacitados, vemo-nos estrebuchar na rede.

ORAÇÃO DE TODAS AS NOITES

O que em criança até à ereção do membro
me assustava podia ler-se
como lema em cada muro em *Sütterlin*:
«Deus tudo vê» ; agora, porém – desde que
Deus está morto –, descreve lá em cima
os seus círculos
um drone não tripulado
que, sem pestanejar, nunca dorme
e me tem debaixo d'olho e tudo
armazena e nada consegue esquecer.

E já de novo infantil sou
e gaguejo incompletas preces,
quero implorar a clemência e o perdão
como outrora os meus lábios,
à hora de ir para a cama,
após cada pecado original,
suplicavam indulgência.
E no confessionário oiço-me sussurrar:
Oh, querido Drone,
torna-me crente,
ajuda a salvar
quem mente.



ABUNDÂNCIA

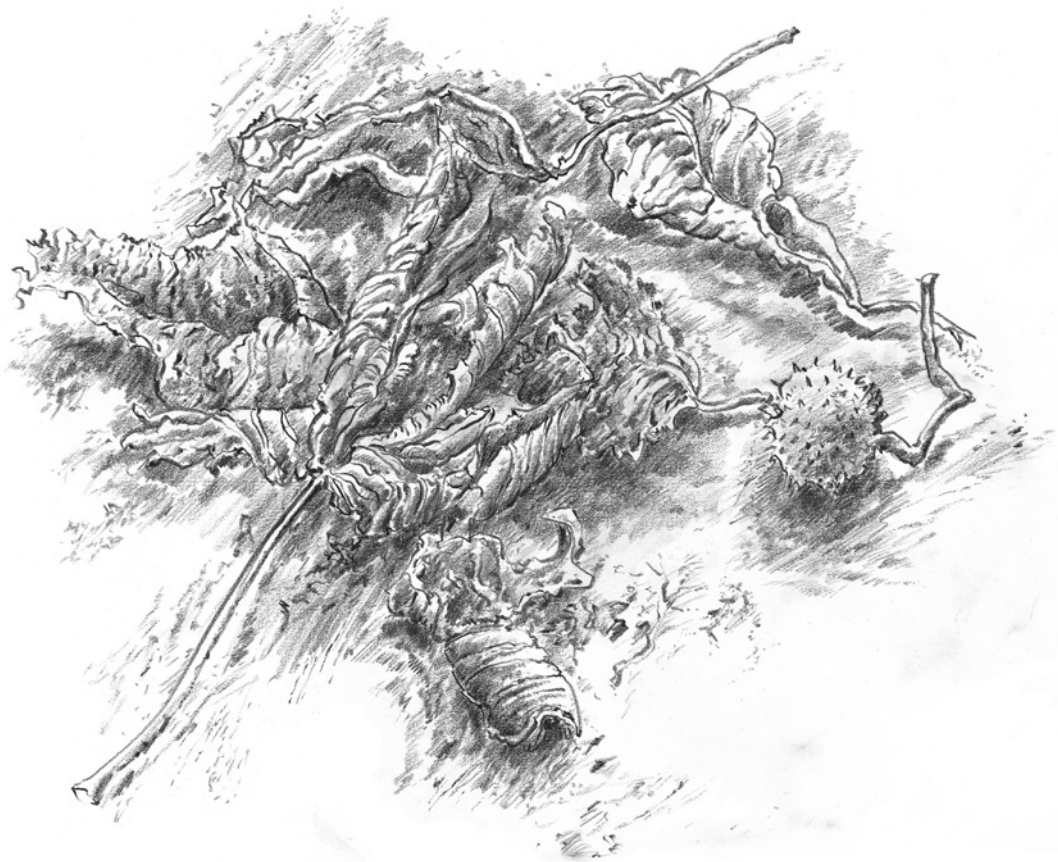
Em que medida precisamos de nos tornar ingênuos para reconhecer em toda a sua diversidade tudo o que o outono larga, as folhas agora, depois da fruta? Folhagem acamada. Uma única folha. Ao secar, assume extática forma, estira-se, enruga os cantos, congela em êxtase. Cada frágil fenda, cada panícula delicadamente delineada. Nítidas arestas lançam suaves sombras. Desmaiado verde avermelha e ao apodrecer das maçãs, peras e ameixas bichadas se junta.

E cada vez mais folhas se soltam, embora não sobre o vento. Esvoaçam vacilantes, sem saber ainda onde cair, hesitam e às suas iguais se juntam ou desalvoram, até que árvore e arbusto, despídos, pelo primeiro gelo esperam. Já só natureza morta. Inclino-me, aprendo a ler. Nenhuma folha sem epígrafe. Num leque de folhas de castanheiro legou-nos Eichendorff um poema que eu recitava nos tempos de escola. E as folhas cordiformes estão marcadas pelos rastos de Trakl, que, letra a letra, a graves jardins conduzem, onde ele, o estranho, avistou Sebastião em sonho.

Segredos são agora baratos no comércio. Já não há perguntas penosas. Quando o bordo se despiu, ouviram-se gemidos de amor. Metáforas em saldos. Inícios de romances, linhas finais, um manifesto proclama: em vão! Em vão! Preces infantilmente balbuciadas. O definitivo resumido. E o que a meio da frase se interrompe. Cartas que permanecem inacabadas.

Anátemas e cânticos de ódio.

Rimas há muito procuradas impressas na folhagem da faia. E também acelerada ação: dos despojos dos álamos desenvolve-se um enredo policial cujo final paira ainda no ar. E sobre tudo isso sopra o hálito do outono.



CORREIO DE CARACOL

Escrever longas cartas a amigos mortos
e breves e lamentosas à amante
há muito descarnada,
e outras legíveis, sem arabescos,
com frases que meandram aproximadamente,
não, incisivas, afiadas,
capazes até de o tempo perfurar,
como se nem um instante tivesse passado.

Mas também o evanescente agora
e a pressa e o tédio
quero como testemunha apaixonada
pelas palavras relatar,
descrever o curso da bolsa,
a geral atração pela queda,
e no que os filhos se tornaram, e tornam,
e com quantos netos fui entretanto brindado,
quais as palavras que estão na moda
e as que caíram em desuso e há muito desapareceram.

Oh, que falta me fazem os amigos mortos
e a amante, cujo nome perdura ainda
fresco e infinitamente repetível
no secreto compartimento.
Por resposta quero esperar
até que todas as manhãs o vento
me largue à porta, densamente preenchidas
e desordenadas, as folhas do outono.

Também distingo caracóis
que nas rotas postais se afadigam,
de muito longe vêm vindo,
há já anos que o seu trânsito dura;
e a mim vejo-me todas as noites
a decifrar pacientemente
o seu viscoso rasto
e a ler o que o amigo morto
e a amante me escreveram.